

Olá,

Me chamo Vivian Tiemi Tsuneto Mune, tenho 43 anos, sou médica e fui coordenadora da seleção brasileira sub15 deste ano.

O softbol e o beisebol (esporte muito parecido com o softbol) aqui no Brasil foram trazidos e divulgados inicialmente por imigrantes japoneses que vieram no início do século XX. Hoje em dia são praticados em várias cidades brasileiras, tendo conquistado a cada dia mais a simpatia de várias pessoas inclusive não-descendentes de japoneses para nossa felicidade pois temos trabalhado muito em prol da divulgação do softbol principalmente em eventos e redes sociais. Nós como amantes deste esporte desejamos profundamente que este esporte se torne cada vez mais divulgado e adorado por todos, pois acredito que assim melhoraremos o nível das atletas e do softbol brasileiro. Sendo assim, o argumento usado na queixa não tem fundamento, pois se existisse realmente uma corrente xenofóbica (o que já é controverso pois todos da delegação são nascidos aqui no Brasil portanto são brasileiros) não faria sentido abrir o esporte para todos.

Todos os técnicos têm ampla experiência na área além de terem sido atletas de beisebol.

O sr. Milton Konno por exemplo, tem mais de 28 anos como técnico de softbol, tendo participado de inúmeras competições internacionais.

O sr. Fernando Oda tem formação em Educação Física, ainda joga na categoria adulta e é federado.

O sr. André Suzawa também é técnico há muito tempo, tendo acompanhado o softbol desde que a primeira filha iniciou os treinamentos. E sempre enfatizou a elas que para ele não há preferência principalmente por serem suas filhas.

Os 3 têm grande experiência como técnicos em âmbitos nacional e internacional.

Eu e a sra. Cristina Goto Matumoto temos acompanhado de perto todo o trabalho realizado e em nenhum momento percebemos tratamento diferenciado ou abusivo.

É importante esclarecer que como se tratam de atletas na faixa de 12 a 15 anos é de conhecimento notório que deve haver um cuidado diferente de atletas de idade adulta pois nesta idade a região cerebral correspondente a avaliação de riscos e responsabilidades ainda não se encontra totalmente desenvolvida. Exatamente por essa razão e aliado ao fato de estarmos em um país onde o fuso horário atrapalha bastante, nosso foco foi evitar o estresse e tentar fazer as atletas descansarem o máximo possível, focando no objetivo que é fazer a melhor performance possível durante os campeonatos.

Ressaltamos que os pais a todo momento tiveram nossos contatos e eram livres para nos perguntar como suas filhas estavam. As atletas que eventualmente tinham lesões por esforço ou alguma outra questão nós mesmas entrávamos em contato com pelo menos 1 dos responsáveis para discutir sobre o assunto.

Acredito que nenhum técnico (seja de qualquer modalidade esportiva) colocaria em risco sua reputação e sua carreira em campeonatos tão importantes como um Panamericano e um Mundial fazendo uma escalação baseada em preferências que não as de habilidade e desempenho das atletas.

Desta maneira, reitero as questões argumentadas destacando que os técnicos Milton e Fernando são profissionais reconhecidos, ou seja, trabalham com isso no dia a dia e não iriam colocar em risco seu lado profissional por xenofobia e maltratos. E nem nós, como coordenadora e chefe de delegação iríamos permitir tal coisa uma vez que amamos este esporte, também somos ex atletas e mães.

Agradeço desde já e me coloco à disposição para sanar quaisquer dúvidas que venham a ter na parte que me cabe.

Muito obrigada.

Vivian Tiemi Tsuneto Mune.